



## OS LÍRIOS DE ECATERIMBURGO

---

Aspirante Víctor Luiz Meirelles de Souza

---

*“Na noite de 16 de julho de 1918, a família imperial russa é acordada às pressas e levada ao porão da casa Ipatiev, sua prisão em Ecaterimburgo. O primeiro da fila era o czar Nicolau II, com seu filho Alexei no colo. Vinte e três degraus, um para cada ano do seu desastroso reinado, o separavam do destino coletivo da família. No abafado cômodo, um dos mais famosos e brutais assassinatos políticos da história ganharia contornos de um cruel banho de sangue.”*

O texto da autora inglesa Helen Rappaport sintetiza bem os momentos finais da família Romanov, a última família imperial russa, assassinada na cidade bolchevique de Ecaterimburgo, nos Montes Urais, na madrugada do dia 16 para o dia 17 de julho de 1918. Envoltos em uma série de mistérios, especulações e uma ampla rede de mentiras propagada pelas autoridades comunistas, por muito tempo o assassinato do czar e de sua família permaneceu como uma incógnita dos tempos

modernos, despertando a curiosidade de vários investigadores e autoridades internacionais, que só puderam começar a desvendar todos os acontecimentos daquela noite após a queda do regime soviético, mais de 70 anos depois. Envolto em uma ampla e complexa rede de aspirações políticas, os Romanov tornaram-se peões indefesos em um jogo de interesses que os levava em consideração apenas como peças de um jogo político, nunca como pessoas. Tendo seus destinos traçados pelas mãos de seus inimigos, chegaram ao fim despidos de toda a pompa e luxo, como pessoas comuns, esquecidos pelos antigos amigos e aliados e pelo povo, enclausurados em uma prisão abafada e claustrofóbica. A sua tão amada e adorada Rússia havia lhes dado as costas. Extremamente religiosos, apegaram-se à fé com todas as forças, certos de que Deus era maior que todas as suas provações e sofrimentos; a cada dia mais unidos e resignados, permaneceram juntos até o fim e morreram como uma verdadeira família. Era o começo de uma era de terror e massacres que caracterizaria a guerra civil russa e o regime comunista, que custaria a vida de 13 milhões de pessoas só nos seus primeiros anos.

## O ÚLTIMO CZAR

Nicolau Aliexsandrovich Romanov nasceu no dia 18 de maio de 1868, nos arredores de São Petersburgo. Filho do czar Alexandre III e da czarina Maria Feodorovna, foi Czar de Todas as Rússias, Rei da Polônia e Grão-duque da Finlândia desde a morte de seu pai, em 1º de novembro de 1894, até o momento que abdicou do trono, em 15 de março de 1917. Seu governo foi marcado por vários distúrbios, alguns bem famosos, como o motim de marinheiros do encouraçado Potekim, a Guerra Russo-Japonesa e o Domingo Sangrento durante a Revolução Russa de 1905, que o forçou a criar um Parlamento (Duma). Extremamente autocrata, Nicolau sempre teve em mente que o czar era em verdade o senhor da Rússia, e que ele devia cuidar do povo e do império como um direito divino. Seus opositores chamaram-no de Nicolau, o Sanguinário, por motivo dos massacres ocorridos no seu governo. De criação autocrata, chegou a confidenciar a seus ministros que mantinha as rédeas do Estado, não por prazer, mas porque o país precisava disso.

Extremamente culto, falava, além do russo, francês, alemão e inglês com fluência perfeita. Porém, muitos o viam com uma inteligência limitada para

decidir o que era bom ou ruim para a Rússia, um homem despreparado para o trono. Isso se deve muito ao fato de que Nicolau nunca fora treinado para ser czar. Pouco participava das reuniões do governo e dos ministros, mantendo-se distante das decisões imperiais. Esperando viver mais 20 ou 30 anos, Alexandre III não se



Nicolau II e Alexandra, por ocasião do noivado em 1894

preocupou em preparar tão cedo o filho para assumir o seu lugar. Porém, os acontecimentos tomaram outro rumo, e a saúde de Alexandre declinou rapidamente, levando-o a morte aos 49 anos, por infecções nos rins. Nicolau, mesmo sentindo-se despreparado para os deveres da coroa, assumiu o trono russo aos 26 anos.

Mas por trás do homem autocrata e despreparado para o poder, que sufocava as rebeliões com demasiada violência e exilava nas regiões áridas e frias da Sibéria seus inimigos, Nicolau era um homem tímido e calmo, extremamente apegado às coisas simples e a família e desinteressado com os protocolos oficiais e a pompa das cortes. Nicolau nunca fora chegado ao poder e nem a regalias, e assumiu jovem o trono russo. Diz-se que só se importava com quatro coisas: a família, os exercícios ao ar livre, o Exército e a Rússia, tudo mais lhe era indiferente. Apesar do título pomposo que ostentava como Imperador de Todas as Rússias, nenhum lhe era mais caro que o de coronel, pois fora designado comandante de um dos regimentos da Guarda Imperial à época em que ainda era o *czarevich* (o príncipe herdeiro). Seus melhores momentos na juventude eram quando passava junto a seus soldados nas manobras militares, dormindo em camas simples e compartilhando as refeições parcas do Exército com seus subordinados, rapidamente tornando-se querido entre os demais oficiais e soldados. Sempre que podia, vestia seu uniforme do Exército, sem adornos ou insígnias, apenas com a Cruz de São Jorge, a mais alta honraria militar da Rússia Imperial.

Nicolau conheceu sua futura esposa, a Princesa Alice de Hesse, em 1884, quando da ocasião do casamento do tio de Nicolau com a irmã mais velha de Alice. Ao contrário da maioria dos casamentos reais, é de consenso geral que Nicolau e Alice se casaram por amor e também a contragostos de suas famílias. Alice era neta da Rainha Vitória, a monarca mais influente da história da Inglaterra, e viveu com ela após as mortes de sua mãe e irmão. Recusou o convite de casamento de vários príncipes europeus, pois era geniosa e um tanto prepotente. Ela já havia se apaixonado por Nicolau, cujos laços se estreitaram quando ela passou um mês e meio no palácio dos czares em São Petersburgo. Os sentimentos do futuro czar para com ela

eram recíprocos, como ele confidenciou em seu diário: “O meu sonho é um dia casar-me com a Alice H. Já a amo há muito tempo, mas com mais sentimento e força desde 1889 quando ela passou seis semanas em São Petersburgo. Durante muito tempo resisti, mas sei que os meus sonhos se vão tornar realidade.”<sup>1</sup>

A princípio, o casamento dos dois era algo inviável. Alice de Hesse era uma princesa do Império Alemão, cujos laços com várias monarquias europeias estavam abalados (fato que levaria, não muito tempo depois, à eclosão da Primeira Guerra Mundial). Além disso, Alice era luterana, e não se mostrava disposta a se converter à fé ortodoxa russa. O povo também não via com bons olhos ter uma czarina alemã e tinha certeza de que Alexandre III também não. Nicolau continuou a negar todas as pretendentes que o pai arranjava-lhe, dizendo que apenas Alice o faria feliz. Durante todo o tempo que conseguiu, Alexandre não cedeu aos apelos do filho, começando a baixar suas defesas quando da degradação de sua saúde, em 1894.

Finalmente, Nicolau convenceu Alice a se casar com ele. Ficaram noivos em abril de 1894, e Alice se converteu a Igreja Ortodoxa Russa, adotando o nome de Alexandra. Ela acompanhou a *Família Imperial* quando esta regressava a São Petersburgo com o corpo do czar Alexandre e diz-se que foi cumprimentada pelo povo da Rússia com sussurros uníssonos que diziam: “Ela chega-nos atrás de um caixão”. A “mulher alemã” do czar nunca despertou a simpatia do povo, e várias calúnias,

insultos e histórias fantasiosas acerca da czarina seriam frequentes durante todo o reinado de Nicolau. Alexandra era odiada na corte e pelo povo russo. Quando apareceu pela primeira vez, era calada, de aparência fria, arrogante e indiferente. Ficou muito magoada com a recepção gelada com que o povo lhe recebera. Na verdade, Alexandra, quando pequena, era chamada por seus parentes de “Raio de Sol”, pois dizia que iluminava a todos com sua alegria e beleza, sempre entusiasmada, alegre e brincalhona. A czarina que a Rússia conheceu despertou após a morte de sua mãe e de seu amado irmão, numa epidemia de difteria, quando ela tinha apenas 7 anos de idade. Indo viver na Inglaterra, tornou-se

**“Nicolau nunca fora chegado ao poder e nem a regalias, e assumiu jovem o trono russo. Diz-se que só se importava com quatro coisas: a família, os exercícios ao ar livre, o Exército e a Rússia, tudo mais lhe era indiferente.”**

<sup>1</sup> Massie, R, *Nicholas and Alexandra*, p.49





Maria, Olga, Anastásia, Tatiana e Alexei, em foto de 1910

fechada e fria, calada e introvertida. O fato de a czarina ter dificuldade em gerar um herdeiro para o czar também foi fonte de descontentamento do povo russo, minando sua popularidade. Foram necessárias cinco tentativas, nas quais das quatro primeiras nasceram as Grã-duquesas Olga, Tatiana, Maria e Anastásia, para que ela gerasse um homem, Alexei.

De formação também autocrática, defendia o marido e o apoiava em todas as suas decisões, achando desnecessário pensar na aprovação de outras pessoas. Dessa maneira, a popularidade da monarquia na Rússia decaía cada vez mais. As constantes crises de fome e o desabastecimento de várias cidades também cooperavam para o quadro. A forma autoritária que Nicolau II governava o país estava dinamitando todo o seu prestígio. Enquanto a burguesia vivia no luxo e numa Rússia moderna, o povo sobrevivia em um regime quase feudal, à mercê dos mandos e desmandos da nobreza czarista.

### **AS GRÃ-DUQUESAS, O CZAREVICH E RASPUTIN**

A primeira filha dos czares nasceu em 15 de novembro de 1895, e deram-lhe o nome de Olga. A expecta-

tiva por um menino era grande, mas o czar não ficou decepcionado com o fato de ter uma filha. Ainda que por muito tempo o primeiro filho dos casais Romanov fosse um menino, a família imperial se mostrou des preocupada, pois ainda havia muito tempo para um menino. Com cabelos castanho-claros, olhos azuis e nariz afilado, Olga era a síntese da beleza eslava. Assim como todos os filhos Romanov, era bela e atraente, com um charme gentil e tímido, porém dava muito pouca importância aos vestidos, joias e à aparência. Era mais voltada para a vida interior e à família, principalmente ao pai, a quem era mais apegada, tanto que usava sempre uma correntinha de São Nicolau envolta do pescoço. Adorava as caminhadas com ele pelos bosques nos palácios de verão, sempre agarrada a seu braço, e sempre sentava ao seu lado quando ia às missas na igreja. De todas as irmãs, era a mais séria e pensativa, austera e sonhadora. De gênio difícil, tinha um temperamento explosivo, contrastando com sua frequente serenidade, sendo por vezes difícil mantê-la sobre controle. Inteligentíssima, era astuta e aprendia rápido tudo o que lhe ensinavam. Assim como todas as suas irmãs, falava inglês e francês fluentemente.



Grigori Rasputin

Quando se tornou mais moça, especulou-se sobre um possível casamento de Olga com seu primo Dimitri Romanov, porém isso nunca foi de fato comprovado. Tempos depois, cogitou-se o nome do príncipe Carlos da Romênia. De fato, se Olga se casaria com Dimitri ou com Carlos, isso nunca foi comprovado, e ela nunca viria a se casar.

Tatiana, a segunda princesa, nasceu em 11 de junho de 1897. Ela contrastava com sua irmã mais velha em muitas coisas. Alguns diziam que era a mais bela das irmãs, e era considerada a mais madura delas. Logo cedo, exercia um ar autoritário e aristocrático, não era muito inclinada a sorrir e era pouco espontânea. De olhos verdes e cabelos castanhos, era naturalmente fotogênica, adorava roupas e as usava de maneira graciosa e elegante. Muitos a achavam presunçosa, porém eram facilmente desarmados pelo seu sorriso e seus olhos brilhantes. Muitas dessas características

foram herdadas de sua mãe, que era a quem mais se afeiçoava. Era consenso entre as irmãs que, quando tinham que pedir algo a Alexandra, era Tatiana que deveria reivindicar. Muito solícita, cuidava da mãe e do irmão quando eles se encontravam acamados. Por trás de seus traços frágeis, podia-se ver uma grande força de espírito e uma grande fé moral e espiritual. Muito boa em trabalhos manuais e em tomar decisões, era vista como uma líder das Grã-duquesas, e era constantemente chamada pelas irmãs de “a governanta”.

Quando Maria nasceu em 27 de junho de 1899, a decepção foi geral. A terceira menina a nascer foi um fato de descontentamento para a família real, que esperava o tão sonhado menino. Maria, porém, não foi menos amada por isso. Extremamente amável e doce, era calma e adorável de se conversar, tinha aptidão para a pintura e adorava as coisas simples da vida e pouco reclamava dos problemas. De compleições perfeitas, cabelos castanhos brilhantes e olhos azuis acinzentados, tinha uma beleza tipicamente russa. Era a mais forte fisicamente das irmãs, uma força que não se sabia de onde vinha, pois em composição física não era diferente das outras irmãs. Muitos diziam que seria uma mãe e esposa perfeita, adorava crianças pequenas e os afazeres domésticos e não via problema em cuidar dos outros. Um pouco insegura, era muito apegada à irmã mais nova, e juntas formavam o “Par Menor” da família, enquanto Olga e Tatiana eram o “Par Maior”.

Anastásia nasceu em 18 de junho de 1801 e foi de longe a mais famosa das irmãs Romanov, sendo personagem em várias histórias de ficção e até de filmes e desenhos animados. A quarta menina foi, como disse sua tia Xênia, um “desapontamento”. Era inegável que Nicolau ansiava por um menino, mas passou a amar a travessa e geniosa “pequena” tanto quanto suas outras filhas. Teimosa, brincalhona e zombeteira, contrastava profundamente com suas bem comportadas irmãs. Adorava brincadeiras tipicamente masculinas, como apostar corridas, guerras de bola de neve e de subir em árvores, de onde só descia quando seu pai ordenava. Era adorada por seu irmão Alexei, a quem era mais afeiçoada. Ingênua e de uma simplicidade cantada por toda a corte, Anastásia era preguiçosa com os estudos, mas muito boa em línguas, as quais aprendia rapidamente e com perfeição. Tinha uma veia cômica incrível e um talento nato para imitar as pessoas, com seus trejeitos e hábitos, e adorava piadas sarcásticas, características que foram desaparecendo à medida que crescia e tornava-se mais madura. Diz-se que seria a

mais bela das irmãs se tivesse vivido mais tempo. De cabelos castanho-avermelhados, tinha olhos azuis brilhantes, bonitos e vivos, como se tivessem sempre um sorriso brincalhão escondido nas suas profundidades.

Apesar de todas as diferenças de personalidade, as quatro Grã-duquesas eram, acima de tudo, amigas e muito unidas, tanto que ao final das cartas que escreviam para os pais, amigos e parentes, todas elas nunca assinavam o próprio nome, mas sim “OTMA”, a inicial do nome de cada uma das quatro.

Foi com uma salva de 301 tiros e o badalar dos sinos de todas as igrejas da Rússia que no dia 30 de junho de 1904 foi transmitido ao povo que o herdeiro do czar nascera. Alexei Nikolaevich Romanov foi a “Graça de Deus” enviada finalmente à família imperial, tanto que todo o Exército russo fora designado padrinho do bebê. Alexei seria a luz em meio às trevas em que vivia a Rússia. A guerra contra os japoneses se mostrava desastrosa, a monarquia vivia seus piores momentos e Nicolau e Alexandra não faziam nada para contornar isso. O herdeiro seria a salvação da monarquia e da Rússia autocrática e ortodoxa, um rei enviado por Deus que reviveria os tempos áureos dos grandes czares Pedro, o Grande, e Ivan, o Terrível. A família estava eufórica. Seria a reconciliação do czar com seus súditos. A czarina tinha convicção de que havia se redimido aos olhos do povo, de Deus e da nação e finalmente seria amada, deixando para trás os anos que sofrera difamações e injúrias da população. Foi então que, apenas seis semanas depois de Alexei nascer, o mundo dos Romanov desmoronou. Com um sangramento no umbigo, descobriu-se que o novo czarevich tinha hemofilia, uma doença hereditária em que o sangue não coagula, impedindo o estancamento de hemorragias externas e internas, podendo levar à morte.

A hemofilia era chamada de “doença real”, pois vários monarcas da Europa eram portadores dela, visto que muitos deles eram descendentes da rainha Vitória, que tinha a doença, como era o caso de Alexandra. O momento de êxtase da czarina logo se transformaria num estado de aflição perpétua. Alexei nunca seria um menino normal, nunca poderia andar a cavalo livremente, nem correr de maneira despreocupada e nem pular e brincar de modo que pusesse sua vida em risco. Qualquer tentativa de promover a monarquia por meio do czarevich foi por água abaixo. O príncipe era muito frágil para ser exposto em público, e assim que ele começou a engatinhar e a andar a vida da família real

ficou ainda mais circunscrita. O garoto de belos olhos azuis, rosto afilado e cabelos castanho-acobreados virou um prisioneiro de sua própria doença. Alexandra se fechou ainda mais com a nova cruz que deveria carregar, e isso praticamente a condenou e a fez clamar por uma absolvição que ela nunca teria em vida.

A doença de Alexei nunca fora divulgada para ninguém além da própria família, e nunca seria. Ele foi enrolado num casulo de cuidados e mimos e sua educação moral ficou em parte comprometida devido ao excesso de atenções dos pais e das irmãs e aos constantes ataques de hemofilia. Mimado e prepotente durante a infância, Alexei muitas vezes envergonhava os pais com brincadeiras de mau gosto na frente de convidados e fazia travessuras que nunca seriam permitidas a um garoto normal. Era malcomportado e impertinente e adora vociferar. Porém, Alexei era amável e afetuoso, e não media esforços para demonstrar seus sentimentos àqueles de quem gostava. Ao deixar a infância, Alexei conseguiu uma liberdade fora do comum, fato que acabou dando-lhe mais consciência. Sua doença o deixou mais sensível ao sofrimento alheio e ele desenvolveu uma sabedoria precoce e uma maturidade incomum para sua idade. Nunca sentia pena de si mesmo, importando-se mais em resolver o sofrimento dos outros, encarando a morte da maneira simples que uma criança encara, não querendo que os outros sofressem por ele.

Em 1912, quando a família se encontrava de férias em Spala, na Polônia, Alexei sofreu uma grave hemorragia que quase lhe custou a vida. Alexandra e Nicolau se revezavam para ficar sempre com ele e tentar (em vão) reconfortá-lo e tentar fazê-lo esquecer as dores. Num raro momento de paz, Alexei sussurrou à mãe, “*Quando eu morrer, já não vai doer tanto, não é mamãe?*”<sup>2</sup>. Em seus constantes ataques, sua irmã Anastásia sempre ficava ao seu lado, contando piadas para distraí-lo das terríveis dores. É nesse cenário que aparece um homem místico e de reputação duvidosa que prometia “curar” o czarevich. Seu nome era Grigori Rasputin e ele realmente, de algum modo desconhecido, conseguia controlar as hemorragias de Alexei. Logo, toda a família, e principalmente a czarina, corria desesperada solicitando os “dons” de Rasputin para curar Alexei sempre que ele tinha outro ataque. Alexandra dedicava então uma atenção cega e uma confiança desmedida a Rasputin, denominando-

<sup>2</sup> Denton, C.S, Absolute Power, p.575



o mesmo de “mensageiro de Deus”. Com esta proteção, Rasputin passa a influenciar ocultamente a Corte e principalmente a família imperial russa. A czarina ignorava todas as denúncias sobre o comportamento devasso de Rasputin (ele seria alcoólatra e ninfomaníaco e teria se envolvido com mulheres da Corte e da alta sociedade). Logo boatos de um caso da czarina com o místico homem circularam na Rússia, e a credibilidade da monarquia caiu ainda mais. Desesperada em curar o filho e cegada por um amor incondicional de mãe, Alexandra iria ver sua reputação não só como imperatriz, mas também como mulher, ser implodida por inúmeras calúnias e comentários maldosos. Algum tempo depois, pressionado pelos conselheiros, Nicolau afasta Rasputin, dispensando-o de seus serviços. Já odiado pelos nobres e pelo povo, é assassinado em 1916.

## A PRIMEIRA GUERRA E A RENÚNCIA

A Rússia se encontrava muito despreparada quando da eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1º de agosto de 1914, e esta se mostrou a hecatombe do Império Russo. Isolada no leste da Europa, a Rússia tinha que lutar sozinha no *front* oriental contra o Império Alemão, o Império Austro-Húngaro e o Império Otomano. As indústrias pesadas russas eram pequenas para armar o massivo exército de recrutados dentre a população. As grandes distâncias do império dificultavam a mobilização de destacamentos, e a nação só poderia receber ajuda de seus aliados da Tríplice Entente via Archangel, que ficava congelado durante todo o inverno, ou Vladivostok, que estava a mais de 8.500 quilômetros da linha de frente. Mesmo assim, o país foi tomado por um sentimento ufanista quando da declaração da guerra. O czar e o povo pareciam que tinham feito as pazes, unidos por um objetivo comum, o de salvar a Rússia. O povo aclamava o imperador e as suas forças armadas, certo de que a grandeza da nação nunca mais seria colocada em cheque, que os alemães nunca mais zombariam dele e que a Rússia voltaria a ser grande, forte e temida por todas as coroas. A euforia inicial da solidariedade nacional logo desmoronou diante das perdas catastróficas. A estratégia de guerra da Rússia se mostrou completamente ineficiente, acumulando sucessivas derrotas ante aos alemães.

Nicolau partiu para o *front* em 1915, comandando as tropas de lá. Com a indústria nacional voltada para a guerra, tornaram-se crescentes as crises de desabastecimento, além do aumento de impostos. A falta de comida e recursos bélicos atingiu até as tropas entrincheiradas.

Sem equipamentos adequados, faminto e sendo massacrado no campo de batalha, o Exército russo começou a recuar, acumulando grandes perdas territoriais. No mar, uma armada inteira russa foi aniquilada na batalha de Tennenberg. A czarina Alexandra ficou no governo do país, não conseguindo controlar a crescente insatisfação das massas camponesas e do proletariado. Logo a Rússia se viu envolvida em uma guerra de atritos, causando uma taxa de deserção sem precedentes em seu exército camponês desmoralizado, mal-equipado e com fome. Após séculos de lealdade abnegada, os soldados, que estavam há muito insatisfeitos, começaram a se perguntarem pelo que estavam lutando. As deserções vieram aos milhares, e logo a escassez de pessoal no *front* se tornou real. O proletariado, desde a Revolução de 1905, havia se intelectualizado, principalmente na doutrina comunista de Marx e Engels.

Em 1917, o país se encontrava à beira de um colapso total. O povo gritava vozes de ordem contra a guerra e a monarquia, as ferrovias estavam bloqueadas devido ao forte inverno e as fazendas estavam paradas, a inflação disparou e a pobreza crescia junto com os impostos. Nos quartéis de Moscou e São Petersburgo, soldados se sublevavam, amotinando-se, e pessoas iam aos montes para as ruas, saqueando lojas e vivendas à procura de alimentos e roupas. O clima de anarquia era total. Logo, um grupo de insurgentes se formou e teve ampla adesão de milhares de soldados das cidades amotinadas. O clima de revolução se espalhou por toda a Rússia, e os membros do Parlamento (Duma) se viram obrigados a criar um governo provisório para tentar controlar a crise. Isto, porém, foi em vão, visto que as dumas locais e os Sovietes (conselho de trabalhadores) já haviam formado uma cúpula de um governo provisório que exigia a imediata renúncia do czar. Defronte a essa decisão, que era ecoada por seus conselheiros, privado de suas tropas leais, com sua família nas mãos do governo provisório e temeroso de eclodir uma guerra civil e abrir o caminho para uma total invasão alemã, Nicolau não teve outra escolha a não ser ceder. Convencido de que estava fazendo o melhor para a Rússia, ele abdicou do trono em seu nome e em nome do Czarevich. Nicolau então se resguardou na residência oficial do czar em São Petersburgo. Lá ficou apenas cerca de três meses, pouco tempo menos do que duraria o governo provisório socialista.

Porém, uma nova onda de revoluções tomaria a Rússia, uma onda vermelha e esmagadora que mudaria definitivamente a história do país e a da Família

Imperial. Liderada por Lênin e Trotsky, a Revolução Bolchevique chegou ao Outubro Vermelho pronta a instaurar um governo inédito de trabalhadores e a favor do povo, imbuído de varrer da nação todos os “parasitas” que haviam explorado o país por séculos e destruir a nobreza e o clero. Assim começaria o martírio dos Romanov e o da própria Rússia.

### O CATIVEIRO E A MADRUGADA DE 17 DE JUNHO

Em agosto de 1917, o governo provisório russo evacuou a família imperial para Tobolsk, a antiga capital da Sibéria, nos Montes Urais, a fim de afastá-los das tensões sociais que eclodiam por todo o país. Lá eles permaneceram até abril de 1918 na antiga casa do governador da Sibéria, e desfrutavam de certa liberdade. É consenso de todos que Nicolau nunca estivera tão feliz e satisfeito desde quando assumiu o

trono da Rússia, que nunca verdadeiramente desejou. Agora ele podia se dedicar integralmente à família e a seu bem-estar, sem ser importunado pelos seus ministros e pela burocracia da monarquia. Ele finalmente havia se libertado, quebrado os grilhões que o prendiam a um destino que ele nunca desejou. A família desfrutava dos simples prazeres da vida rural, livres para seguirem suas vidas sem o peso do destino do império em suas costas. Ali, chegaram até a cultivar laços afetivos com os guardas que os vigiavam, estes se encantando com a simpatia do czar e com a beleza de suas filhas. Aquele pequeno e simples paraíso seria destruído após o mês de outubro daquele ano, com a Revolução Comunista. Os privilégios da família imperial iam ser gradativamente retirados. As trocas na guarda se tornaram constantes e o fisco de propriedades dos Romanov era aprovado aos montes em Moscou.



A Casa Ipatiev, sem a paliçada da época do cativeiro dos Romanov



Em abril de 1918, o governo comunista resolveu transferir a família para Ecatemburgo, a capital vermelha dos Montes Urais. Pouco antes de partir, Alexei sofreu uma entorse no joelho, o que o obrigou a passar a maior parte do tempo em uma cadeira de rodas nos seus últimos dias. Por esse motivo, Nicolau, Alexandra e Maria foram os primeiros a ir para a Casa Ipatiev, onde ficariam presos até o governo “definir” o que iria acontecer a eles. A residência era chamada entre os bolcheviques pelo sugestivo nome de “A casa com propósitos especiais”. Olga, Tatiana, Anastásia, Alexei e alguns empregados chegaram cerca de duas semanas depois. A casa Ipatiev fora especialmente preparada para abrigar a família imperial. Uma grande paliçada fora erguida em volta de todo o terreno. Três cômodos foram isolados do resto da casa, locais onde os Romanov e mais cinco empregados viveriam. A casa inicialmente era comandada por Avdeev, um membro do Soviete local e que era um pouco displicente com a segurança da família. Seus guardas muitas vezes furtavam objetos pessoais dos Romanov, como joias e roupas; em compensação, a família tinha certa liberdade, recebendo comida das freiras de um convento local e podendo desfrutar de algumas horas no jardim da propriedade. Logo, um laço afetivo entre os guardas e a família surgiu. Nicolau e suas filhas adoravam conversar, e os guardas, a maioria deles adolescentes e jovens, não conseguiam entender como o rosto dócil e gentil do ex-czar e de suas lindas filhas poderia ser associado à tirania czarista que a propaganda bolchevique havia lhes inculcado. Os jovens soldados não resistiam à beleza das grã-duquesas e os flertes não eram raros.

A situação começou a mudar quando da troca do comandante da casa, ao passo que o regime comunista ficou mais duro com os rebeldes. Avdeev foi substituído por Jacob Yurovsky, um agente do alto escalão da Cheka (a polícia secreta soviética) e fiel ao marxismo e a Moscou. A repressão aumentou na Rússia, a guerra civil começou a tomar forma e as execuções começaram. As famílias burguesas estavam sendo expulsas de suas propriedades, arrendadas em nome do Estado, padres, freiras e outros membros do clero estavam sendo assassinados, a nobreza estava sendo dizimada e a legiões rebeldes dos tchecos e dos Brancos (socialistas rebeldes) avançavam sobre o leste em direção aos Urais. Yurovsky proibiu as visitas dos médicos que cuidavam de Alexei, ficando apenas o doutor Botkin, médico pessoal da família. Além disso, Alexandra também estava muito doente, com fortes dores de cabeça e

no nervo ciático, que a impedia de andar. Logo, o crescente clima de incerteza começou a afetar a família. Os passeios no jardim, uma das poucas coisas que davam prazer aos reclusos, ficaram cada vez mais raros. No desjejum, manteiga e café eram luxos e nas outras refeições o alimento era parco, resumindo-se muitas vezes a sopa de legumes e pão preto. A entorse no joelho de Alexei parecia não melhorar, e o ex-czarevich passava muitas noites em claro agonizante em sua cama num quarto fechado, as janelas pintadas de branco, impedindo qualquer contato com o mundo exterior. No exterior, tentativas de resgate da família chegaram a ser cogitadas, porém nenhuma delas se concretizou. O rei da Inglaterra, Jorge V, avô da atual rainha do país, Elizabeth II, era primo de Nicolau, porém se mostrou negligente com a situação de seus parentes, fato que o faria se arrepender pelo resto de seus dias após saber do destino dos Romanov. O kaiser alemão, Guilherme II, era tio de Alexandra, porém o fato de ser germânico dificultou muito as negociações.

Em Ipatiev, os longos tempos de ócio eram preenchidos com leituras da Bíblia, jogos de dominós e cartas e sessões de orações. Os Romanov oravam juntos pela manhã, antes das refeições e antes de dormirem. A fé se mostrou um porto seguro em meio àquele tempo de trevas, onde cada dia parecia ser arrastar e a incerteza do amanhã era presente. Alexandra, que abraçou sua fé russa com tamanho fervor, via tudo como uma maneira de purificação, uma provação de Deus para que eles se redimissem de todos os pecados dos trezentos anos da dinastia. A resignação com o destino era crescente e a fé que Deus os salvaria era uma certeza. A família constantemente pedia a presença de um padre. Talvez o maior de todos os tormentos dos Romanov era o fato de não ter acesso às celebrações da Liturgia Divina. No dia 14 de julho de 1918, dois padres foram chamados a casa, e lá celebraram uma missa resumida. Durante toda a missa, as pessoas na casa permaneceram em um silêncio profundo, quase como uma meditação espiritual, e não respondiam à liturgia, como é costume na Igreja Ortodoxa. Ao final, como os padres puderam reparar, eles estavam com lágrimas nos olhos e agradeciam com fervor a pequena celebração de que puderam participar. Era iminente que haviam retirado um grande peso das costas. Muitos se referem a esta cerimônia como o funeral que, durante muitos anos, a família não teve.

No dia 16 de julho, os enclausurados tiveram uma rotina aparentemente normal, num dia quieto e aba-

do. Alexei se encontrava fraco devido a um forte resfriado e ao seu joelho torcido, incapaz de se autotocar. Alexandra ficara quase todo o dia acamada, também doente e com suas dores na coluna piorando cada vez mais. Nicolau e as filhas ficaram lendo e jogando, e tiveram a oportunidade de darem uma volta pelo jardim. A noite chegou, e às 22h a família fez suas costumeiras orações e foi se deitar. Era uma e meia da manhã quando o sino dos aposentos dos Romanov foi tocado. O dr. Botkin atendeu a porta e deparou com Yurovsky, dizendo que a família deveria ir para o porão, onde esperariam um transporte para serem transferidos. As legiões de tchecos e dos Brancos estavam na periferia da cidade, e os bolcheviques batiam em retirada. Na verdade, por mais que as forças contrarrevolucionárias realmente estivessem próximas a Ecaterimburgo, a família não seria transferida para local algum. Durante todo o dia, Yurovsky supervisionou a seleção das armas, dos homens que iriam participar da “Vontade da Revolução” e da escolha do caminhão que iria levar os Romanov ao local em que permaneceriam ocultos durante décadas. O comandante da Casa Ipatiev teve alguns problemas. Dois dos guardas se recusavam a atirar nas filhas do czar, o que fez Yurovsky selecionar dois outros guardas. O caminhão também atrasou, o que o obrigou a esperar mais um pouco antes que as ordens, hoje já comprovadas que tinham o aval de Lênin e de Moscou, fossem executadas. A família imperial se arrumou rapidamente e desceu as escadas rumo ao porão, Nicolau à frente, com o filho Alexei no colo, impossibilitado de andar. Nenhum deles tinha ideia do que iria acontecer. Chegaram ao porão, mal-iluminado e limpo, sem nenhum objeto, apenas com suas paredes nuas e o seu teto baixo. Alexandra resmungou, pois não havia cadeiras. Os guardas trouxeram duas, uma para ela e a outra para Alexei. Mais de meia hora se passou até que o caminhão chegasse. Nesse momento, Yurovsky saiu de seu escritório e seguiu com mais oito guardas até o porão. Os Romanov e mais quatro criados estavam no centro do aposento, Nicolau à frente de todos. O comandante da casa então se postou em frente ao imperador, e, pegando um papel, começou a ler: “*Em vista do fato de que seus parentes europeus continuam a atacar a União Soviética, a diretoria do Soviete Regional dos Urais decidiu que vocês devem ser mortos...*”<sup>3</sup>. O ex-czar não compreendeu nada. Atrás, as meninas e os

outros ficaram paralisados. Nicolau gaguejou de maneira incrédula: “– O quê? O quê? Não compreendo... leia de novo...”

“... em razão dos tchecoslovacos estarem ameaçando a capital vermelha nos montes Urais – Ecaterimburgo – e porque o carrasco coroado talvez escape da corte do povo, a diretoria do Soviete Regional, atendendo à vontade da Revolução, decretou que o ex-czar Nicolau Romanov, culpado de incontáveis crimes sangrentos contra o povo, deve ser morto...”<sup>4</sup>

Ao terminar o decreto, Yurovsky sacou seu revólver e deu um tiro à queima-roupa no peito de Nicolau, que caiu agonizante no chão. Logo, os outros guardas descarregaram suas armas no ex-czar, o grito histérico das meninas ecoando pelo porão. O que se seguiu foram cenas inomináveis de brutalidade, que não descreveremos aqui. O amorismo e a selvageria dos quais os guardas se utilizaram serviu apenas para prolongar a agonia das vítimas. Alexandra foi morta logo em seguida, Alexei petrificado na cadeira donde estava impossibilitado de sair. A execução, que deveria durar menos de dez segundos, se prolongou por sofríveis meia hora. Muitas das balas, que deviam acertar diretamente o coração, não acertaram o alvo, muito devido à imperícia dos algozes e ao estado das armas e da munição. Além disso, as grã-duquesas e o czarevich estavam com os torsos incrustados de joias, o que acabou servindo como uma espécie de colete a prova de balas. Pelo menos, Nicolau e Alexandra não viveram para ver o sofrimento dos filhos. Como as balas eram inúteis, eles acabaram sendo mortos a golpes de baioneta e a tiros à queima-roupa, sendo Anastásia e Alexei os últimos a serem assassinados. Após o massacre, os corpos dos onze foram postos no caminhão estacionado no lado de fora e levados até uma floresta próxima. As autoridades bolcheviques queimaram os corpos e os mergulharam em ácido sulfúrico para que qualquer posterior investigação não pudesse identificar as vítimas. Depois disso, enterraram a família e seus criados em uma cova rasa perto de uma velha mina. Os corpos de Maria e Alexei foram sepultados a alguns metros de distância, mais uma tática para despistar os investigadores. Assim terminou o martírio do czar e de sua família. O homem que um dia governou 22 milhões de quilômetros quadrados agora não tinha direito sequer a uma cruz em sua cova rasa e improvisada.

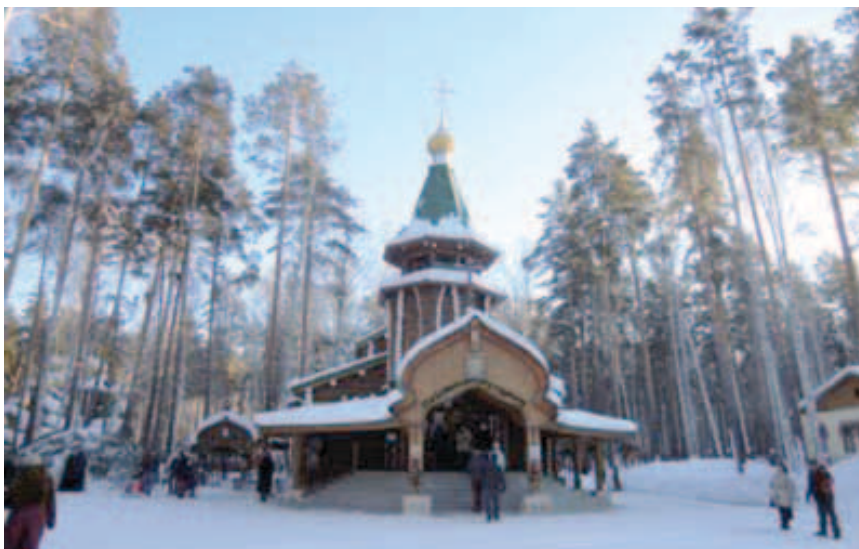
<sup>3</sup> Rappaport, Helen, *Os Últimos dias dos Romanov*, p.259.

<sup>4</sup> Idem.





Os Romanov, canonizados pela Igreja Ortodoxa Russa, como os Portadores da Paz



Uma das igrejas erguidas no local onde os Romanov foram enterrados em 1918.

## OS PORTADORES DA PAZ

Como parte do culto a Lênin que posteriormente inundou a URSS, todas as provas da participação direta do líder soviético no crime foram apagadas. O extermínio da linhagem não parou na família imperial. O irmão de Nicolau foi fuzilado pouco depois, junto a seus filhos e esposa, entre outros parentes. Ao todo, 39 membros da família Romanov foram assassinados. A maioria dos participantes do massacre, num primeiro momento, não sofreu sanção alguma, mas uma prova da conivência de Moscou. Algum tempo depois, porém, muitos foram presos ou assassinados a partir da “staliniização” do regime soviético. Yurovsky conseguiria um alto cargo em Moscou, onde morreria em 1938.

As investigações sobre o assassinato da família imperial só começaram por volta de 1978, com investigadores amadores, que só puderam divulgar seus estudos a partir de 1991, com o desmembramento da União Soviética. O mundo começaria a descobrir o que havia acontecido no porão da Casa Ipatiev. Em 1981, os Romanov foram canonizados pela Igreja Ortodoxa Russa, exilada no estrangeiro, como Santos Mártires. Desde a morte da família, uma comoção nacional e silenciosa tomou conta do povo. Inspirados pela fé demonstrada nos seus últimos momentos, os Romanov passaram a receber homenagens por toda a Rússia, que eram violentamente reprimidas pelo governo comunista, mas que crescia cada vez mais toda vez que sua história era contada.

Em 2000, já em território russo, a Igreja Ortodoxa os canonizou como Portadores da Paz. A Suprema Corte Russa reabilitou em 2008 a Família Real russa e o

czar Nicolau II, 90 anos depois de sua morte. O tribunal declarou que suas mortes foram ilegais e que eles foram vítimas de um crime. Hoje, no local onde ficava a Casa Ipatiev, está a Igreja pelo Sangue, uma catedral em estilo russo-bizantino que homenageia os Romanov. Na floresta onde eles foram enterrados, sete pequenas capelas foram erguidas, uma para cada mem-

bro da família. Todos os anos, lírios brancos florescem na época em que eles foram assassinados e milhões de peregrinos vão até o local prestar suas homenagens, emocionados, a uma família devotada destruída, eternamente “em descanso com os santos”, como sempre desejaram em suas orações.

#### **BIBLIOGRAFIA**

RAPPAPORT, Helen. Os Últimos dias dos Romanov. Rio de Janeiro: Record, 2011.